



mundo, está nos braços de Morfeu, dorme descançado; e segundo o texto do Recta é o sol que gira em torno d'elle, e não é elle em torno do sol, como affirmam alguns sabios mathematicos, menos

profundos que S. Ex.º

A Europa está em calmaria, e a estas horas talvez esteja descançada abanando-se com o seu leque, apesar de dizerem que debaixo dos pés se levantam os trabalhos, o que ella tem aos pés não dá trabalho a ninguém.

Agora o que dizem alguns authores de reportorios, v. g. Borda d'agoa, e outros é que os homens pertencentes a esta primeira parte do mundo, estão tão quietos como as pernas, braços, e cabeça da Romilda, na dança = As quatro Nações = Na Gallia (paiz d'onde veem os gallos para Lisboa) ha a seguinte ninhada toda de uma postura.

24 Batalhões de gallos de christa á romana, contendo	501,330
15 Batalhões ditos de christa direita	10,671
12 Esquadrões de gallos capões..	65,230
18 Regimentos de ditos anões..	11,195
50 Baterias de ditos de casta grande.....	38,570
Gallos velhos já sem esporões...	3,084
Gallos d'estado cabos de segurança, e cousas que eu cá é que sei.....	23,756
Somme.....	653,936

Peças que não valem 8,000 réis por que são maiores, e com muitas arrobas de bronze	16,495
Ditas ditos de ferro	5,139
Somma.....	21,634

Todos estes gallos, gallinhas, e mais consas, obedecem a um só gallão!!!

Por outro lado na terra das batatas e queijos londrinos, lá nascem mais 25,000 quebrados, que vão ser soldados. Os mais lá vão indo; e o innocente Portugal muito bem descançado, catando as polainas no cantinho da sua casa, livre dos Cabraes, e com o seu bioculo vendo tourinhos de palanque, sem se importar com os visinhos! Muito bom é ser portuguez!!!...

Tem havido, depois que ha chuva, mui'õ boa hortaliça, e as terras tem tido agua sufficiente para se poderem amañhar.

Teremos brevemente a Ildegonda, em S. Carlos, opera escripta expressamente para mademoiselle Sannazare, que conta hoje os seus 20 ou 22 annos.

Meu pai (que já conta os seus setenta e tantos) diz que vio por esse mundo representar a Ildegonda quando era rapaz!! Isto é brincadeira, é só por passar tempo. Os agoadeiros deixaram de ser aristocratas, já vendem a agoa a 10 rs.

AVISO INTERESSANTE PARA BEM DA HUMANIDADE AFFLICTA.

Receita para rapidamente se adormecer.



Leitura da *Imprensa*-papel, columnas.....1
 Leitura da *Lei*, liuhas.....2
 Leitura do *Conservador*, lin. 5
 Finalizada esta operação, pega-se no somno e adormece-se logo.

O insigne doutor Europeu, a quem se deve esta util descuberta, e que teve a bondade de no-la mandar, a fim de a generalisarmos com a sua publicação, nos diz que tam por vezes feito esta experiencia, e tem sempre obtido os melhores resultados.

REVISTA DE 1851
Em 5 Actos e 1 Prologo

Feita expressamente para ser representada em Pekin, Paço d'Arcos, e Nova Caledonia. — A poezia foi escripta pelos Redactores do Burlesco a semana passada, em um dia que (se bem nos lembra) tinham tomado alóes. — A musica é do nosso distribuidor, e composta a capricho. — O scenario é todo novo, e pintado pelo sr. Theorga tres dias antes d'elle ter pintado a tableta de um armazem de modas na travessa da Veronica, á Graça.

PROLOGO.

PERSONAGENS DO PROLOGO. — Antonio de Iomar. — O compadre visinho defronte. — Uma preta de mexilhão. — O anno de 1851. — Um aguadeiro. — Um moço de padeiro. — O Tempo. — Saloios etc. etc.

(O Theatro representa a calçada da Estrella. São onze horas e tres quartos da noite. Ao levantar o panno Antonio de tomar passeia defronte da porta da rua. Ouve-se apregoar um aguadeiro.)

Antonio. — Está tanto frio, e eu escangalhei a sobrecasaca com pelle de chi-

bo; amanhã vou comprar um cobertor. Aguadeiro. — E' agua (apergoando). Antonio. — O' aguadeiro, quer 10 réis? Aguadeiro. — São 15 réis, querendo, a carreira está grande.

Antonio. — Quer você ser meu freguez? De verão pago a 20 réis, no outono a 15 réis, e d'inverno a 10 réis.

Aguadeiro. — Não tomo nada, não quero esperar 14 mezes, e andar por casa dos cambistas a rebater os recibos da agua.

Antonio. — E' verdade! que horas são? Aguadeiro. — Está quasi a cahir meia noite. (Ouve-se meia noite no relógio da Estrella, Antonio conta).

Antonio. — Nove ... dez ... onze ... doze. Ah! Finalmente cheguei ao fim do anno de 1850, e principio de 1851. Estou salvo, agora já nem Satanaz tem poder em mim. Está começado o anno bom; pois bem, eu o farei mau á força de serrigação..... (Passa um moço de padeiro que levava um taboleiro para o forno).

Antonio. — Moço de padeiro, que horas são?

Moço. — E' meia noute. Antonio. — Não me enganei. é meia noute; á parte) Pois então como é meia noute, e estas são as horas de eu ir ceiar, vou para casa (Antonio vai para entrar, e é agarrado por uma preta de mexilhão, que estava escondida atraz da porta)

Preta. — (canta)
Non sonoio
Que te condanno,
A morreres
 Este anno.

Antonio. — Então quem será. Preta. — E' meu amo que ahí vem já. Antonio. — Quem é teu amo? Quem és tu?

Preta. — Sou creada do anno de 1851. Antonio. — (á parte.) Então vai torta! Preta. — A' seu pescada marmota Ainda quer viver mais? Leve os cabedaes Fuja com isso.

(Passa um rapazinho descalço assobian-de a Mazella, e levando uma garrafa com vinho que tinha hido buscar ao armazem da esquina da rua da Bella Vista, era o anno de 1851).

Rapazinho. — Que grande derricho! Quem é este figurão!!

Preta. — E' um aldrabão Chamado Antonio E' um demonio Com cara de cão.

Antonio. — Isso é mangação! Antonio Thomar Me deve chamar O' mãezinha. Não seja mázinha, Dê cá um tostão Do seu mexilhão!

Preta. — Não tenho senão

Cebolla, e môho,
Mas q'olho (á parte)
Que tem o ladrão!!

Rapazinho. — O' senhor trapalhão?
Vá se deitar,
Mas deixe estar
Fica a meu cuidado;
Hade ser seringado
Este semestre!

(Abre se uma janella defronte, era o compadre dos seis tostões que ouvindo a gritaria vinha espreitar.)

Compadre. — Oh compadre! oh mestre
Que é isso lá
E' preciso que eu vá
Para lhe acudir?

Rapazinho. — Escoza cá vir
Para seringar
E os seus seis tostões
Tambem vão acabar.

Compadre (á parte) vou me deitar (fe-

cha a janella.)

(Passa um velho embrulhado em uma esteira, e pedindo esmola. E' o Tempo.

Tempo. — Que bulha estão aqui fazendo!
Até a cabeça já me vai doendo,
Sr.^{as}, vão tratar das bombas;
E senão, eu vou-lhe ás tronchas!

Todos tomam diferentes posições mimi-
cas, mostrando grande confusão, e can-
tam o seguinte:

Coro. — Com prazer caminhar, correr,
Com prazer caminhar, andar,
E' tarde e já são horas
De nos irmos já deitar.

Antonio. — Se ficasse n'esta terra
Dava parte aos regedores

Tempo. — Não senhor, hade ir passear,
E este anno hade embarcar,
Ha muito que temos d'isso
Hade acabar se o derriço.

Antonio — (com admiração). O diabo é
isso!!

Ouve-se tocar a arvorada na travessa
dos Ladrões, o rapazinho põe a garrafa á
bôca para matar o bicho, atira com o resto
á cara do Antonio, e faz-lhe uma careta;
a preta emborca-lhe na cabeça a panella
do môho; Antonio começa a gritar pela
guarda, ouvem-se apitos, cantam os gal-
los (mas são os gallos de Lisboa), come-
çam a passar os saloios para a Praça, toca
á missa das almas, nasce o sol, e cáe o
panno.

(Continua.)

Responsavel Manoel de Jesus Coelho.

LISBOA

Typographia de Manoel de Jesus Coelho.
Rua do Poço dos Negros n.º 54.



A EUROPA EM CALMARIA!!!